

## O SOCIAL E O IDEOLÓGICO CONTRIBUINDO COM O PROCESSO DE VARIAÇÃO E MUDANÇA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

“(...) mexer com o problema da identidade é mexer com a História.” (Mary Kato)

**Marilena Inácio de Souza<sup>1</sup>**  
**Cássia Regina Tomanin<sup>2</sup>**

### **Introduzindo a reflexão**

Neste estudo procuramos mostrar que a partir do advento da globalização no Brasil, surgiram novos discursos que incidiram sobre a língua, possibilitando a aparição de novos discursos que influenciaram no surgimento de tendências estilísticas, influenciando tanto no dizer quanto nas formas de dizer. Para constatar a presença dessas tendências na língua, selecionamos um conjunto de enunciados constitutivos do gênero notícia presentes nas grandes mídias e os analisamos a partir de uma interface entre a Sociolinguística Variacionista e a Análise Dialógica do Discurso, de cunho bakhtiniano. O trabalho com essas teorias nos permitirá observar a variação linguística presente nos enunciados selecionados, bem como interpretar os efeitos de sentidos possibilitados por ela.

O auxílio mútuo entre essas duas disciplinas permitem uma análise, seja do indivíduo, seja da sociedade, em profundidade razoável, já que, considerando que língua é, ao mesmo tempo, forma e conteúdo, a análise deste, leva à conclusões sobre uma ideologia, em determinada época, em determinado cenário; e a análise daquela revela um indivíduo como parte de uma comunidade, de um grupo social ao qual pertence. Pode-se dizer então que as análises se imbricam e ajudam a entender fatores que motivam o processo de variação que, às vezes, culmina com a mudança linguística.

Em nosso estudo, buscamos tornar evidente que as novas tendências estilísticas estão diretamente veiculadas ao gênero discursivo de que fazem parte. Isso implica dizer que as

---

<sup>1</sup> Professora de Linguística no Departamento de Letras/UNEMAT-Campus de Alto Araguaia-MT. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFSCar- São Carlos-SP.

<sup>2</sup> Professora de Língua Portuguesa no Departamento de Letras/UNEMAT- Campus de Alto Araguaia-MT. Dra. em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – Júlio Mesquita Filho.

mudanças de estilo não se dão abruptamente, isto é, não estão dissociadas do tempo, tampouco da esfera de atividade humana e do gênero discursivo de que fazem parte. Quando se produz um texto pode-se pensar previamente a sua estrutura em partes, pode-se decidir em que ordem essas partes serão dispostas, pode-se avaliar formulações alternativas. Mas, não se pode fugir às coerções impostas pelo gênero, pelo tempo que reconfigura esse gênero, tampouco pelos discursos socialmente constituídos que o afetam

O caráter de complexidade, por nós assinalado, decorre do fato de que a variação linguística apresentada nos enunciados analisados implica uma exterioridade, é apreendida no social e cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos. Ou seja, partimos do princípio de que as diferentes esferas sociais constituem diferentes formas de comunicação verbal, isto é, diferentes gêneros discursivos que, por sua vez, se alteram e se produzem sócio-históricamente. Com isso, buscamos evidenciar que a variação estilística, embora ocorra em decorrência do gênero a que pertence, caminha de mãos dadas com a variação diacrônica, já que os gêneros são se manifestam da mesma maneira em diferentes épocas e em diferentes situações de fala.

Para constatar a nossa hipótese também buscamos suporte teórico em Gadet (2005) que ao estudar a variação estilística, ocasionada por fenômenos discursivos materializados na língua francesa, tais como: atenuamentos de hierarquias, o politicamente correto, o uso recorrente de eufemismos, a recorrência de siglas, a nominalização do sujeito e o sujeito inanimado, observa que essas tendências não parecem separáveis das mudanças sociais e culturais. Segundo a autora,

a maior parte delas (...) constituem fenômenos transnacionais do que se pode chamar de globalização e afetam todas as sociedades desenvolvidas (...) levando-as a partilharem traços tanto no uso das línguas quanto nas estruturas sociais, como por exemplo no aumento das desigualdades. (GADET, 2005, p. 54)

As palavras de Gadet, nos permitem pensar a presença da variação estilística, ou nos termos da Sociolinguística, diafásica ou de registro, no português brasileiro como sendo oriundas de práticas discursivas advindas da globalização. Com a globalização, a estratégia das tradições sócio-econômicas estabelecida foi acompanhada, com efeito, por uma lógica da política mercantilista. Essa lógica buscou modos de expressão inéditos, pretendendo romper com as formas canônicas da tomada de posição discursiva. Astúcia verbal, perfeitamente organizada

dentro de uma estratégia discursiva que, ligada ao modelo sócio-econômico neoliberal, reencontrou e fez eclodir novas práticas estilísticas no campo dos discursos políticos, culturais, científicos e, sobretudo, econômicos.

Estamos considerando a presença de fatores discursivos, portanto, ideológicos como determinantes da variação estilística. Partimos do princípio de que o estilo de linguagem varia conforme o gênero e a esfera de atividade humana a que pertencem os textos, sejam eles orais ou escritos, justamente porque nesse ponto há que se considerar a identidade social da falante/escritor; a identidade social do ouvinte/leitor e o cenário onde o texto é produzido. O princípio da preservação da face, o comportamento e as atitudes linguísticas do falante/escritor acabam por caracterizar ou tornar marcados alguns traços, em qualquer um dos níveis linguísticos. Tal gesto pode impulsionar a variação e contribuir com mudanças linguísticas.

### **Repensando a noção de estilo**

Para tratar fenômenos de ordem estilística no português brasileiro contemporâneo, buscamos pensar o estilo tanto sob o viés da Sociolinguística Variacionista, quanto sob a perspectiva textual e discursiva de cunho bakhtiniano. A Sociolinguística, ainda que de maneira indireta, nos oferece suporte para confirmar a nossa hipótese segundo a qual a língua varia em função das práticas discursivas e em função dos usos que os sujeitos fazem dela.

Sob o viés da Sociolinguística Variacionista, o estilo é visto como uma propriedade inerente às línguas que oferece a seus usuários os recursos para que possam produzir e compreender diferentes formas de falar. Por estilo, Labov (2008) compreende

as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato de fala. (...). A variação estilística pressupõe a opção de dizer a “mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística. (LABOV, 2008, p.313)

Visto dessa forma, o estilo sempre se refere à questão do uso que o falante faz da língua. Trata-se de um tipo de variação linguística que envolve aspectos da situação ou contexto, os propósitos do emissor, o tipo de assunto e conteúdo da mensagem, bem como as relações entre

os participantes do *ato comunicativo*<sup>3</sup>. Atenção especial deve ser dada ao contexto ou situação, que constitui o âmbito físico–social em que se encontra o falante. Labov (2008) observa que não existem falantes de estilo único. Há falantes que apresentam um campo de alternâncias estilísticas mais amplo do que outros, mas todos demonstram modificação de algumas variáveis à medida que mudam o contexto social e o tema. É oportuno esclarecer que os falantes, ao utilizarem diferentemente os traços de estilo, produzem modelos distintos de percepção e interpretação desses traços. Os diferentes traços de estilo funcionam como índices de significação relacionados ao que se julga serem as características de status social, idade, personalidade, sexo, etc., tornando freqüente a criação de estereótipos individuais ou de grupos.

Labov (2008) enfatiza que os membros de uma comunidade de fala possuem um repertório, em graus que podem se dar de acordo com vários fatores extralingüísticos, e que tal repertório varia, dependendo de onde se encontram, com quem se encontram e sobre o que falam, o que pode contribuir com a escolha da variável. Se uma pessoa está conversando com um colega de trabalho e o tema da conversa versa sobre assuntos profissionais sua linguagem provavelmente será diferente da que utiliza em casa com seus familiares. A situação ocupacional vai então produzir uma variedade lingüística distinta, e facilmente se percebe quando quem está falando é um médico, um advogado, um engenheiro, etc.

Sob o olhar bakhtiniano, o estilo não pode se separar da ideia de que se olha o enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de um evento. Isso implica dizer que, para Bakhtin, ([1953] 2003), o estilo de linguagem está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados que são os gêneros do discurso. Estes, por sua vez, transitam por todas as atividades humanas e devem ser pensados, culturalmente, a partir de temas, formas de composição e estilo verbal. Assim, as mudanças históricas de estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às mudanças de gêneros. Nenhum fenômeno novo (fonético, gramatical e léxico) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

Para Bakhtin, a relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. Assim, o

---

<sup>3</sup> Entende-se por ato ou evento comunicativo a unidade básica de descrição, definida como o conjunto de elementos que tornam possível a interação: propósito, temas, participantes, código lingüístico, regras sociolingüísticas etc. (FERNÁNDEZ, 1988 p, 18)

enunciado, seu estilo e sua composição são determinados não só pelo elemento semântico-objetivo e por seu elemento expressivo, mas, e, sobretudo pelos enunciados outros sobre o mesmo tema, aos quais respondemos, com os quais polemizamos. Isto porque, o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender o estilo de um enunciado.

A concepção de estilo, no sentido bakhtiniano pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo. Essa concepção implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos. Assim a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que textos, verbais visuais ou verbo-visuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro. O estilo visto sob esse ângulo incide sobre as formas do dizer e, conseqüentemente, sobre as formas da língua, funcionando como um fator motivador para a variação linguística.

Observamos, assim, que a concepção de estilo com qual trabalha Bakhtin ([1953] 2003) não está totalmente dissociada da noção de estilo da Sociolinguística laboviana. Ponto de encontro entre os conceitos apresentados é que, para ambos, o estilo de linguagem varia em decorrência da situação ocupacional do falante, bem como do tema a ser abordado e da circunstância comunicativa. Apesar de Labov ([1972] 2008) pensar a questão da variação estilística apenas para linguagem oral e não falar diretamente sobre a relevância dos gêneros discursivos o autor encontra-se com Bakhtin ao considerar que a variação estilística está diretamente relacionada às circunstâncias de comunicação, isto é, envolve a situação, os participantes da troca verbal, o contexto extra-verbal, enfim os recursos exigidos pela interação.

Ao propor a articulação entre os conceitos abordados, buscamos pensar a variação estilística para além da linguagem oral, e, apesar de a modalidade escrita da língua não ser o objeto da Sociolinguística, cremos que alguns conceitos básicos dessa ciência podem ser aplicados também à escrita, já que um de seus principais pressupostos, que é o fato de a expressão do falante revelar sua identidade, pode, em certa medida e com muito cuidado, aplicar-se à escrita. Ou seja, a esse aspecto material da linguagem opomos o aspecto de concepção discursiva, historicamente determinada, próprio dos gêneros discursivos. Não estamos nos referindo aos gêneros literários, mas a todos e quaisquer tipos de gêneros que podem ser encontrados nas mais diversas esferas de atividade humana e que se caracterizam por ter

determinadas funções e por ter como autores e receptores indivíduos que compartilham interesses mais ou menos previsíveis. Basta observar, por exemplo, as diferenças de estilo entre o discurso político, o estilo discursivo da burocracia, a língua que se escreve nos jornais e nas grandes revistas de informação e de entretenimento, os escritos dos ensaios científicos, a língua dos usuários de *e-mail* e dos grupos de *chat* que surgiram depois do advento do computador, etc.

Assim, observando os mesmos pontos, mas por duas lentes relativamente distintas, é que pretendemos entender como, tanto a identidade social quanto as aspirações, intenções e mesmo a ideologia de um indivíduo ou uma coletividade podem ser revelados nas entrelinhas do discurso, pelo efeito do estilo escolhido.

Os estilos mencionados pertencem a diferentes gêneros discursivos que, como tais, têm uma tradição própria e utilizam a linguagem fortemente marcada pela natureza do veículo adotado em sua transmissão. Todas essas manifestações discursivas, além de terem marcas exteriores próprias, e de obedecerem a convenções interpretativas próprias, fazem também um uso muito particular da língua, chegando às vezes a desenvolver uma sublíngua exclusiva. Para Basso e Ilari (2006), a sublíngua de um gênero caracteriza-se normalmente não só pela frequência maior de certas palavras, reflexo de uma inevitável concentração em determinados temas, mas pode ser marcada também pela alta frequência de construções gramaticais que não seriam comuns em outros gêneros.

Nesse sentido, chamamos atenção para o fato de que a globalização e o neoliberalismo, cuja origem se deu em teorias econômicas, acabou por se infiltrar em todos os níveis da vida pública, determinando, inclusive, novas posturas na vida privada dos indivíduos, visto que o discurso neoliberal se faz presente nas mais diversas esferas de atividade humana, se manifesta nos mais diversos gêneros discursivos, englobam uma estratégia de poder e que, por isso, propõe reformas nos planos econômico, político, jurídico e educacional. Em outros termos, o discurso neoliberal redesenha o cenário da vida social e política a partir dos valores neoliberais, bem como dos discursos decorrentes dessas práticas, fazendo emergir assim novas formas de dizer. Na seção a seguir veremos de que maneira.

**Da globalização às práticas discursivas: a disseminação de novas formas de dizer**

Iniciamos esta seção trazendo à discussão o fato de que a globalização faz emergir novas práticas discursivas, que, por sua vez, se materializam nas mais diferentes línguas. Gadet (2005), ao fazer um estudo minucioso sobre essa questão, observa que alguns dos aspectos discursivos da globalização podem ser representados pelas tendências à *democratização*<sup>4</sup>, *tecnologização*<sup>5</sup> e *mercadologização*<sup>6</sup>, dos discursos. Passaremos a verificar, na próxima seção, como essas tendências possibilitam também a variação estilística no português brasileiro em gêneros da esfera jornalística, antes, porém, julgamos necessário discorrer um pouco mais sobre cada uma delas.

Sobre a *democratização* dos discursos, Fairclough (1992 apud GADET, 2005) verifica que ela envolve cinco fatores. Três deles, macro-sociolingüísticos: o reconhecimento de sotaques *não-standard* e não centrais; “o acesso ampliado a tipos de discursos prestigiados, em particular com o acesso das mulheres a novas profissões; e o combate contra as formulações sexistas”. Os outros dois aspectos da democratização se originam diretamente de fenômenos ligados ao estilo, como a eliminação de marcadores ostentatórios de hierarquia de poder e de status; e a generalização tendencial de estilos informais. Como exemplo desses dois últimos fatores, Gadet (2005) cita várias estratégias discursivas: o politicamente correto, nessa prática discursiva os membros de certa comunidade étnica, por exemplo, não devem ser chamados de negros, mas de “afro-americanos” ou de “afro-brasileiros” ou ainda de “afro-descendentes”; há aí o atenuamento das hierarquias, presente, em particular, nos modos de tratamento e na polidez. Não se atribuem mais os títulos herdados ou adquiridos como doutor, professor etc, eles são também assimétricos a um tratamento na forma de senhor, senhora. Paralelamente, há uma tendência a uma extensão dos pronomes tu e vós; o aumento recente do uso de siglas como PAC para política agrícola comum, RTT para redução do tempo de trabalho, etc.

As estratégias discursivas expostas evoluem, segundo Gadet (2005), na direção de uma valorização do informal e da simplicidade em diversos gêneros discursivos da esfera jornalística. Mudanças nas normas da conversação manifestam-se também na modificação das interações nas relações profissionais, no trabalho e nas organizações caminhando também no sentido de uma

---

<sup>4</sup> “supressão das desigualdades e das assimetrias nos direitos obrigações e prestígio de grupos de indivíduos, de um ponto de vista lingüístico e discursivo”. (FAIRCLOUGH apud GADET, 2005, p.54)

<sup>5</sup> “uma tendência a um aumento do controle sobre os aspectos cada vez mais numerosos da vida das pessoas”, ou seja, uma dominação dos modos de vida pelos sistemas do estado e da economia. (FAIRCLOUGH apud GADET, 2005, p.57)

<sup>6</sup> “o processo por meio do qual os domínios sociais e as instituições cujo objetivo não é a produção de mercadorias vêm sendo organizados e conceitualizados em termos de produção, distribuição e consumo de bens”. (FAIRCLOUGH apud GADET, 2005, p.58)

simplificação. Cabe ressaltar, no entanto, que a difusão e a diversificação de estilos informais não significam que os enunciados formais estão desaparecendo, mas que há uma extensão dos estilos simples e ordinários da vida privada ao lugar público.

Ao contrário da democratização, lugar de possíveis conflitos, e, portanto, de possíveis jogos discursivos, nota-se a *tecnologização* dos discursos que reflete *as relações entre poder e poder da língua e do discurso*. Para Fairclough (1992 apud GADET, 2005) a *tecnologização* é realizada por meio do domínio de técnicas discursivas apresentadas como transcontextuais, das quais as mais típicas vêm da entrevista, do ensino e da publicidade. Essas técnicas põem em cena a simetria e a informalidade, subordinam a prática discursiva a metas estratégicas e instrumentais, e repousam, de fato, sobre uma concepção normativa da língua, como conjunto determinado de práticas, com uma tendência à colonização pelos organismos, de indivíduos.

Quanto à *mercadorização* dos discursos, Gadet (2005) verifica a onipresença, mesmo em discursos que não estão ligados propriamente à economia, de termos como *indústrias, clientes, consumidores...*, a autora acrescenta que o uso desses termos produz uma vulgata de mundo no qual as dinâmicas essenciais são econômicas. No discurso mercadológico a conversação também é simulada dentro da simetria e da informalidade, como aquilo que Fairclough (1992) chama de “personificação sintética”.

Cabe destacar que as tendências citadas não ocorrem independentemente umas das outras: a *mercadorização* necessita da democratização, o que vem modificar as relações tradicionais entre detentores da autoridade e aqueles que lhes são subalternos. A convergência entre *democratização* e *mercadorização* produz características partilhadas, na direção de uma identidade autônoma e auto-determinada, no interior da qual o sujeito constituído como consumidor ou como cliente será o mestre de suas escolhas. A título de exemplificação, Gadet (2005) apresenta algumas recorrências de tendências estilísticas da língua francesa. Ao expor tais exemplos a autora observa que,

as figuras mais complexas passam por certos fenômenos de sintaxe. Assim, a passiva permite modificar o equilíbrio entre as ações realizadas pelo sujeito e pelo objeto, em benefício de uma marginalização do agente situado no final da seqüência e, eventualmente, deslocado por apagamento total, depois por uma nominalização (nota-se também, a diferença, com a nominalização, entre a apresentação por um verbo passivo em (8c), por um reflexivo(8d), ou por há em (8e):

(8) A cada 20 minutos, um homem viola uma mulher



- (8a) A cada 20 minutos, uma mulher é violada por um homem
- (8b) A cada 20 minutos, uma mulher é violada
- (8c) A cada 20 minutos, uma violação é perpetrada
- (8c) A cada 20 minutos, perpetra-se uma violação
- (8d) A cada 20 minutos, há uma violação” (GADET, 2005, p.62)

Para Gadet, a nominalização executa o mesmo serviço discursivo que a passiva, com a vantagem suplementar de permitir a constituição de um elemento pré-asserido, ou seja, de um elemento já dito por alguém, em algum lugar e independentemente, como em: 8c em que o elemento “uma violação” é construído como uma evidência fora de discussão, assim em 8c, enquanto é possível discutir sobre as causas da violação será irrelevante colocar em dúvida a existência de uma violação. Um mesmo efeito de apagamento do sujeito da ação pela substituição do sujeito gramatical, em um processo, observa a autora, pode ser obtido também por verbos intransitivos, ou ainda pelo uso do sujeito inanimado, processo sem sujeito humano em posição de sujeito discursivo, como quando, nos discursos neoliberais, as posições sujeitos são ocupadas frequentemente por nomes como em: o mercado impõe..., as novas tecnologias induzem... novas oportunidades se abrem.... Tais tendências produzem a impressão de que os acontecimentos ocorrem sem causa. Esse é o efeito que é alcançado quando a ação (verbo) é transformada em agente (substantivo) e passa a ser percebido como sujeito, como se a ação fosse “auto-responsável”.

Gadet (2005) observa que devido à capacidade de se integrarem em frases complexas, as nominalizações abrem diversas possibilidades de construção sintática em sequências complexas, que encontramos naquilo que os autores que trabalham com a estrutura informacional denominaram “empacotamento informacional”, geralmente concebida como típica da escrita. As nominalizações desempenham, assim, um papel crucial na construção da coesão discursiva, constituindo certa modalidade de apresentação da informação, dita “integração” (por oposição à fragmentação, dada como típica do oral, mas ligada à expressão verbal).

Fenômenos como os expostos aqui, segundo Gadet, podem ser generalizados para outras línguas indo-européias, num plano relativamente global de organização discursiva: sucessivamente, a construção de categorias discursivas, sua textualização e o interdiscurso. Isso porque esses fenômenos são transnacionais, fruto da globalização.

O estudo realizado por Gadet (2005) é, dessa forma, a porta de entrada para pensarmos a presença de novos fenômenos linguístico-discursivos no português do Brasil. Esses fenômenos

apontam para uma reformulação sintática, ocasionando a variação estilística. Para nós, a variação estilística, nesse caso em específico, é sensível às leis mercadológicas e tecnológicas da era globalizada. Isso implica dizer que o uso da língua é reconfigurado a partir de efeitos culturais e ideológicos que conduzem de certa forma às novas posturas discursivas. Essas novas posturas ancoram-se na língua e produzem sentidos característicos às práticas discursivas em que estão inseridas. Para aclarar essa questão, expomos, a seguir, algumas considerações sobre novas tendências discursivas que representam, na prática, a variação estilística presente na língua portuguesa

### **Nominalização do sujeito e sujeito inanimado: tendências estilísticas no português brasileiro contemporâneo**

Não precisamos nos debruçar em pesquisas para nos depararmos com a presença constante de tendências estilísticas no português brasileiro contemporâneo. Basta prestar atenção nos noticiários jornalísticos, nos discursos dos parlamentares, nos textos de reformas constitucionais que elas estarão lá: formas curtas, uso lapidário de fórmulas como, por exemplo, o uso de eufemismo, a recorrência a siglas, o fenômeno do sujeito inanimado e da nominalização do sujeito, uma verdadeira poética da fala breve e efêmera se insinua na língua portuguesa brasileira produzindo diferentes efeitos de sentidos.

Antes de iniciarmos as análises, é importante ressaltar que construções gramaticais dos tipos tratados aqui, no português brasileiro fazem parte da forma padrão, de onde se pode inferir pelo menos três pontos: a- seu usuário possui alguma escolaridade; b- é provável que esse usuário não pertence à classe trabalhadora e c- o meio onde vive o usuário não é o meio rural. Esses pontos revelam o perfil do sujeito, cuja produção escrita estamos analisando. Tal sujeito, que utiliza, ou pelo menos conhece a variedade culta do português brasileiro pode encontrar, nessa língua, recursos que o permitam ser correto na informação que transmite, mas ao mesmo tempo, não revelar aquilo que não deve, ou não pode, ou não quer.

Não nos detemos aqui a discorrer sobre todas essas manifestações estilísticas, enfatizamos apenas a presença do politicamente correto, da nominalização do sujeito e do sujeito inanimado, no gênero notícia da esfera jornalística. Entendemos que essas ocorrências representam a influência de aspectos sócio-ideológicos como preponderantes da variação lingüística, como

assume a Sociolinguística quando afirma que existe nos indivíduos um comportamento linguístico consciente, ou com alguma dose de consciência, motivado pelo desejo de pertencimento a determinados grupos.

Sobre a recorrência do politicamente correto, cabe ressaltar que essa prática discursiva além de combater o uso de termos marcados negativamente, se caracteriza também por propor a substituição de tais termos por outros, que seriam “neutros” ou “objetivos”. Em especial, o movimento inclui o combate ao racismo, ao machismo, à cultura pretensamente racional, mas aí não se esgota, ele vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário e o comportamento relativo a qualquer grupo discriminado. A título de exemplificação, apresentamos alguns acontecimentos que foram noticiados pelas grandes mídias: em 2006, houve uma discussão sobre erradicação do trabalho escravo em Mato Grosso, eufemisticamente essa discussão passou a se chamar “irregularidades no trabalho do campo”. A propina exigida pelo ex-presidente da Câmara dos deputados, Severino Cavalcante, de um dono de restaurante em Brasília se transformou em “mensalinho”. A propina recebida e distribuída pelo governador José Roberto Arruda, em Brasília, no fim de 2009, foi divulgada pelas grandes mídias como “a fraude do panetone” ou ainda o “mensalão do DEM”. A crise econômica mundial, na voz do presidente Lula, aqui no Brasil, configurou-se como uma “marolinha”. Os concursos vestibulares das universidades privadas transformaram-se em “processos seletivos por agendamento”. Os carros usados nas revendas e concessionárias transformaram-se em semi-novos. Os exemplos podem ser multiplicados, contudo pensamos que os arrolados sejam suficientes para mostrar que cada vez mais estamos nos deslocando de um falar franco para um falar mais suavizado.

Segundo Possenti (2006), a manifestação dessa forma estilística nos meios de comunicação tem provocado algumas polêmicas: a revista *Época*, em 03 de abril de 2006, na coluna de Max Gehringer e o jornal *O Estado de São Paulo*, editado no dia dois de abril de 2006, publicaram textos criticando esse tipo de linguagem. Gehringer explicava a um leitor que, em certas empresas, empregam-se muitas expressões que, na verdade, não significam nada, como, por exemplo, expressões do tipo: vivenciar parâmetros holísticos, fatores inerciais de natureza não técnica, fazer um *brainstorming*, extrapolar os dados, para produzir efeitos de competência e de modernidade. A matéria do *Estadão* atribuía ao PT a prática de não dar nomes aos bois,

---

<sup>7</sup> O termo mensalinho faz alusão ao Escândalo do Mensalão ou "Esquema de compra de votos de parlamentares" é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2005/2006 no Brasil.

inventando derivativos verbais: “recursos não contabilizados” por “caixa dois”, “desvios” por “erros” ou “ilegalidades”, “afastamento voluntário” por “demissão”. A expressão prima pela vagueza e essa é uma escolha consciente que não é inocente nem neutra, ao contraio, é carregada de intenções .

Para Possenti (2006), práticas como essas representam apenas alguns efeitos discursivos presentes na língua, mas é preciso acrescentar outros e tentar encontrar um nó que amarre coisas aparentemente diversas. O autor observa, por exemplo, que as marcas linguísticas atribuídas ao PT, de fato, não são características desse partido, e sim dos tucanos. A melhor prova disso, salienta Possenti, são os exemplos de tucanês que rolam na Internet, como se fossem humor, sem contar que foi com eles que entrou em nosso vocabulário a palavra “empregabilidade”. O autor pondera que talvez seja esse o fenômeno discursivo mais relevante e cruel do nosso tempo. Para Possenti, embora esse fenômeno se manifeste com bastante freqüência na voz dos petistas e, principalmente dos tucanos, é fruto de um discurso maior, advindo da globalização e de sua associação às políticas neoliberais. A ideologia constitutiva dessas práticas político-econômicas está baseada nas leis do mercado, por isso, também produz a moderna acepção do “excluído”.

Não se trata apenas da substituição de um termo por outro, sem nenhuma implicação na direção de sentidos, a ideologia básica dessa política consiste em mascarar a realidade, ou em falar dela de uma forma que pareça menos grave, mais intelectualizado, o que, de fato, quer dizer disfarçada. Na visão de Possenti (2006), esse fenômeno não consiste apenas em evitar alguns termos que os falantes julgam inapropriados, mas e, sobretudo, consiste em evitar a realidade. Nesse sentido, a utilização de eufemismos ou de expressões mais “limpas” torna-se um recurso poderoso dos sujeitos enunciadorees que inseridos, nessa prática, tendem a tornar seus discursos mais suaves. Por um lado, salienta Possenti, isso parece mais fino, mais civilizado. Por outro, trata-se de não encarar o mundo como ele é.

Compartilhamos com Possenti (2006) a ideia de que o politicamente correto e o uso de eufemismos é, na verdade, um fenômeno de mutação discursiva e estilística, pelo qual o português brasileiro tal quais as demais línguas naturais afetadas pela globalização, vem passando. Ou, dizendo de outra forma, o politicamente correto se constitui na textualização de um processo lingüístico e discursivo que tenta suprimir as desigualdades e as assimetrias nos direitos e obrigações e prestígio de determinados grupos sociais.

Outro fenômeno lingüístico decorrente do discurso neoliberal que representa a variação estilística trata-se da presença significativa de enunciados jornalísticos construídos com a

nominalização do sujeito. Estudo realizado por Souza (2007) evidencia que antes do advento do neoliberalismo a construção sintática da nominalização do sujeito não se evidenciava nas manchetes de jornal. Souza selecionou e analisou 440 manchetes do jornal a Folha de S. Paulo, desde 1970 a 2006, e verificou que antes da década de 90, época da entrada do neoliberalismo, as construções sintáticas, em sua maioria, apresentavam um sujeito agente na posição de sujeito da oração, em contrapartida após o advento do neoliberalismo as construções sintáticas passaram por certas reconfigurações estilísticas. Enunciados em que o sujeito enunciador apresentava diretamente o sujeito agente da ação na seqüência discursiva, tais como: Os presos rebelam-se na Casa de Detenção<sup>8</sup>, vai ceder, progressivamente, o lugar para um sujeito que se escamoteia, esconde-se nas malhas da interdiscursividade, como por exemplo em: Rebelião na Praia Grande faz 3 mortos<sup>9</sup>.

Em outros termos, antes da globalização, década de 90, deixar suas marcas também na língua as manchetes do jornal eram construídas em sua maioria na voz ativa, passando progressivamente a construções sem sujeito aparente, atualmente há um número muito significativo de construções com o sujeito nominalizado. Basta observarmos os textos veiculados nas grandes mídias para notar que a cada dia torna-se mais recorrente o uso de sentenças como: “Ataque com gás intoxica 400 pessoas no Japão<sup>10</sup>”. “Rebelião na Praia Grande faz 3 mortos<sup>11</sup>”; “Reação em cadeia faz banho de sangue<sup>12</sup>”; “Revolta pára Argentina e leva De la Rúa à renúncia<sup>13</sup>”; “Correção da tabela do IR vai incluir as deduções<sup>14</sup>”; “Reunião mantém indefinições sobre o gás<sup>15</sup>”; “Endividamento chega ao limite e inibe crescimento<sup>16</sup>” .

Cabe notar que não se trata apenas de uma simples mudança de estilo relacionada a posição do sujeito, mas que essa mudança implica uma diferença significativa quanto à atitude do sujeito enunciador face ao que enuncia. Na sentença “Os presos rebelam-se na Casa de Detenção” o sujeito enunciador apresenta explicitamente o sujeito da ação realizada na sentença , por isso, sabemos quem se rebelou. Ao passo que em “Rebelião na Praia Grande faz 3 mortos”, o sujeito que, de fato, pratica a ação não aparece, em seu lugar encontramos a forma nominalizada,

---

<sup>8</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo, veiculado em 21/03/1985

<sup>9</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo, veiculado em 13/05/1997

<sup>10</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo publicada em 20/04/1995;

<sup>11</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo publicada em 13/05/1997;

<sup>12</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo publicada em 28/10/1997;

<sup>13</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo publicada em 27/12/2001;

<sup>14</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo publicada em 30/12/2004;

<sup>15</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo publicada em 05/05/2006;

<sup>16</sup> Manchete do jornal A folha de S. Paulo publicada em 20/08/2006.

“rebelião”, é como se a “rebelião” pudesse existir independentemente da ação de um ser humano. O que pode estar em jogo nessa sentença não é a saturação, o preenchimento do sentido do termo “rebelião”, mas que ela deixou três mortos na Praia Grande, podemos até questionar quem se são os responsáveis pela rebelião, contudo jamais poderíamos questionar que ela fez três mortos.

Nas sentenças arroladas não se encontra um sujeito “agente”, capaz de praticar as ações expressas nos enunciados. Em seu lugar, aparecem formas lexicais nominalizadas, que, em razão de seu caráter anafórico, retomam um discurso “já dito”. Esse discurso, embora não faça parte da estruturação intratextual, participa, como memória, de sua organização. Em outros termos, a nominalização veicula um conteúdo já dito. Assim, em: *Ataque com gás intoxica 400 pessoas*, pressupõe que 400 (quatrocentas) pessoas foram intoxicadas; *Rebelião na Praia Grande faz 3 mortos*, implica em dizer que 3 (três) pessoas morreram na rebelião; *Reação em cadeia faz banho de sangue*, pressupõe que um banho de sangue foi feito; *Revolta pára Argentina e leva De la Rúa à renúncia*, pressupõe que De la Rúa renunciou; pressupor, no sentido aqui defendido, é apontar para um discurso anterior, *pré-construído*, que se inscreve na no gênero do discurso do qual ele deriva. A ilusão de objetividade referencial, advinda dessa estratégia, decorre exatamente do fato de que os referentes, resultantes do processo de nominalização, foram construídos “fora”, em um discurso anterior, de responsabilidade pública.

A nominalização do sujeito, uma construção típica do português brasileiro padrão, é, assim, uma construção exemplar para mostrar a relação entre o discurso presente na linguagem e o discurso situado num “fora”, mas que é trazido à discussão nas malhas da interdiscursividade. Por meio desse fenômeno podemos mostrar como o significado se constrói na e pela linguagem nas diversas práticas sociais, já que o significado de um enunciado não se constrói nem em um pontuar direto com a realidade, nem a linguagem é um mecanismo desvairado de criação de mundo e realidade, mas existe entre esses dois extremos uma espessura em cujo interior o sujeito enunciator trabalha a relação consigo próprio e com o outro, construindo o seu lugar no mundo

Um mesmo efeito de apagamento do sujeito em um processo pode ser obtido também com a presença de sujeito inanimado ocupando a função de sujeito da oração. Quanto à aos enunciados construídos com sujeito inanimado, Souza (2007) atesta que eles também aumentaram significativamente após a década de 90. Ou seja, tornou-se mais constante a

presença de enunciados como: “Supermercados de SP aceleram as remarcações<sup>17</sup>”. “Aviões bombardeiam Bagdá<sup>18</sup>”; “Empresas de ônibus violam contrato em SP<sup>19</sup>”; “Tribunal de contas aponta problemas em obras no Tietê<sup>20</sup>”; “Bombas em trens matam 179 na Índia<sup>21</sup>”; “Indústrias planejam cortar empregos<sup>22</sup>”.

Uma espiada no dicionário impresso de língua portuguesa, Houaiss (2004), nos mostra que os verbos “acelerar”, “bombardear”, “violar”, “explodir”, “apontar”, “ameaçar”, “matar”, e “planejar” se constroem com um sujeito animado, um agente dotado de vontade, de sentimentos, de intenções. Assim como nas sentenças em que há a nominalização, também aqui, esse sujeito não se evidencia, em seu lugar aparece formas lexicais inanimadas, apagando, assim, o agente da ação representada no enunciado. Esse apagamento induz a um complexo efeito de retorno, misturando diversas posições sociais e ideológicas com a posição do sujeito enunciador.

Essa falta de comprometimento com a informação é frequente nas práticas discursivas do regime sócio-econômico neoliberal. São formas discursivas saturadas pelo consenso ideológico que estabiliza a sua referência do discurso. Por um lado, as relações discursivas que são óbvias, e, de outro, os nomes frequentemente determinados e amiúde pouco tematizados, ou seja, o que deve ser definido ou explicado: as palavras e as proposições sempre a ser definidas: “Supermercados aceleram...”; “Aviões bombardeiam...”; “Empresas de ônibus violam ...”; “Tribunal de contas aponta...”; “Bombas em trens matam...”; “Indústrias planejam...”. E igualmente, as noções a serem reinterpretadas, as palavras a serem arrancadas de seu senso comum: para supermercados, comerciantes; para aviões, presidente George W. Bush; para empresas, os empresários; para tribunal de contas, os superintendentes; para bombas, pessoas ligadas ao grupo ETA; e, para indústrias, os donos das indústrias, os empresários.

Esses fenômenos lingüístico-discursivos produzem, entre outros sentidos, a impressão de que as ações praticadas pelos sujeitos acontecem naturalmente, sem que alguém as tivesse praticado. Poderíamos nos perguntar: Que estilo de linguagem é esse das formas nominalizadas e dos sujeitos inanimados que se constrói, assim tão forte.

Para responder a esta pergunta nos reportamos a Bakhtin (1998, p. 100), que argumenta contra a transparência da linguagem. “A linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e

---

<sup>17</sup> Manchete do jornal A folha de S.Paulo publicada em 12/02/1990;

<sup>18</sup> Manchete do jornal A folha de S.Paulo publicada em 17/01/1991;

<sup>19</sup> Manchete do jornal A folha de S.Paulo publicada em 12/06/2000;

<sup>20</sup> Manchete do jornal A folha de S.Paulo publicada em 06/06/2005;

<sup>21</sup> Manchete do jornal A folha de S.Paulo publicada em 12/07/2006;

<sup>22</sup> Manchete do jornal A folha de S.Paulo publicada em 13/01/2006.

livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem”. Em outros termos, a língua não conserva mais formas e palavras neutras que não pertencem a ninguém; ela torna-se esparsa, penetrada de intenções, totalmente acentuada. A língua não é um sistema abstrato de formas normativas, ao contrário, é uma opinião plurilíngüe concreta sobre o mundo. Nas palavras de Bakhtin,

Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. Nela são inevitáveis as harmônicas contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos) (BAKHTIN, 1998, p.100)

A citação de Bakhtin corrobora a nossa hipótese segundo a qual o estilo lingüístico próprio da nominalização do sujeito ou ainda do sujeito inanimado evoca um discurso anterior, próprio das práticas discursivas da globalização. Podemos dizer assim, que o estilo de linguagem apresentado compreende organicamente em si as indicações externas, a correlação de seus elementos próprios com aqueles do contexto de outrem. A política interna do estilo determina sua política exterior. O discurso como que vive na fronteira do seu próprio contexto e daquele de outrem. A dialogicidade interna se torna uma força criativa e fundamental na medida em que as divergências individuais e as contradições são fecundadas pelo plurilinguismo social, as ressonâncias dialógicas ressoam não só no ápice semântico do discurso, mas penetram em suas camadas profundas dialogizando a própria língua, a concepção lingüística do mundo.

Os exemplos arrolados representam que as novas tendências estilísticas são determinadas não só pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, mas, e, sobretudo, pelos enunciados outro sobre o mesmo tema, aos quais se responde, aos quais se polemiza. O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível compreender a natureza do estilo de um enunciado.

Em outros termos, o discurso materializado na língua é apreendido no social e cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nas diferentes esferas de atividade humana. Ou, como diz Bakhtin, à medida que o social se transforma o discurso tende a refletir tais transformações materializando-as na língua, por meio de mudanças de estilo. Logo, ponderamos que a língua é influenciada por mudanças



sociais e culturais, neste caso em específico, denominadas de globalização e, seu discurso de base, o discurso neoliberal.

### **Um breve efeito de fim**

No decorrer deste estudo, nos preocupamos em evidenciar que a forma de falar sobre os acontecimentos vem passando por certas reconfigurações de ordem estilística: a prática do politicamente correto, de eufemismos, bem como o acentuamento de recorrências sintáticas como a nominalização do sujeito e do sujeito inanimado demonstram que a língua encontra-se sensível às leis mercadológicas e tecnológicas da era globalizada. Isso implica dizer que o uso da língua é reconfigurado a partir de efeitos sócio-culturais e ideológicos que conduzem de certa forma a novas posturas discursivas. Essas novas posturas ancoram-se na língua e produzem sentidos característicos às práticas discursivas em que estão inseridas.

Essas afirmações convergem para um mesmo ponto: as novas tendências estilísticas dialogam com os discursos socialmente constituídos. É por manter esse diálogo constante com os discursos que surgem novas formas de dizer: a língua tende a ficar menos agressiva, mais opaca, nos casos do politicamente correto e do uso de eufemismos; as manchetes tendem a ficar cada vez mais breves, menos diretas (no sentido de não expor explicitamente o sujeito humano que praticou a ação verbal) e mais efêmeras, já que devido a globalização das informações os eventos acontecem e se dissipam muito rapidamente. Isso significa que os gêneros em que se manifestam tais ocorrências têm uma linguagem própria, manifestam preferências lingüísticas variadas e evoluem num ritmo próprio, ao mesmo tempo que são afetados por novos discursos advindos do impacto da era tecnológica e mercadológica do sistema globalizado. Dito de outro modo, o português brasileiro, como qualquer outra língua, apresenta índices de mudanças tanto discursivas quanto estilísticas. Para nós, esses índices são o resultado do imbricamento entre a globalização, as inovações tecnológicas, o neoliberalismo e a língua.

Assim, convém pensar a língua não como uma forma que foi estabelecida em caráter definitivo em algum momento do passado, quem sabe por decisão de uma assembléia de sábios, mas sim como uma realidade dinâmica que se materializa nos gêneros, portanto, por natureza, está em constante variação e mudança. Não só a língua transcrita nos enunciados jornalísticos é o resultado de muitas inovações ocorridas em épocas diferentes e em gêneros diferentes; mas a

língua que falamos cotidianamente convive com palavras e construções que remontam a épocas e a gêneros diferentes. Isso implica dizer que a língua que utilizamos varia para adaptar-se ao gênero, ao interlocutor, ao contexto e a situação.

## Referências Bibliográficas

- BASSO, R. & ILARI, R. A variação que vemos e a variação que esquecemos de ver. In \_\_\_\_\_. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARONAS, R. & POSSENTI, S. Linguagem Politicamente Correta no Brasil: uma Língua de Madeira? In Polifonia: Periódico do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem-Mestrado. Volume 12, Número 2, Cuiabá: Edufmt, 2006.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance (1934-35). In \_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro:forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. VOLOSHINOV, V. N. *O discurso na vida e o discurso na arte* (1926). Tradução para fins didático, feita por Carlos Alberto Faraco.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). São Paulo: Hucitec, 1988.
- GADET, F. As mudanças discursivas no francês atual: pontos de vista da análise de discurso e da sociolingüística. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L (orgs). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 51-74.
- HOUAISS, A. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2004.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos* [1972]. São Paulo: Parábola, 2008.
- POSSANTI, S. *Eufemismos e tabus, um esboço*. [www.primapágina.com.br](http://www.primapágina.com.br), abril de 2006.
- SEVERO, C. G. *O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov*. DELTA. Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada (PUCSP. Impresso), V.25, 2009, p.267-284)
- SOUZA, M. I. A mão (in)visível do Neoliberalismo na língua: índices de tendências discursivas presentes no português brasileiro contemporâneo. Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-graduação MeEL, 2007.